

APRESENTAÇÃO

DARWIN E A FÉ CRISTÃ

O ano de 2009, nas ciências, é marcado pela celebração dos 400 anos do uso astronômico do telescópio por Galileu Galilei, pelos 200 anos de nascimento de Charles Darwin e pelos 150 anos da publicação de sua obra *Origem das espécies*. Embora tradicionalmente a Teologia tenha se preocupado em seguir seus próprios métodos de pesquisa, tanto a Cosmologia, representada por Galileu, quanto a teoria da evolução das espécies, representada por Darwin, influenciaram e influenciam cada vez mais seu modo de pensar e trabalhar. Pode identificar-se uma influência direta, na medida em que as ciências põem questões à própria Teologia, e uma influência indireta, na medida em que afetam o modo como as religiões e, no caso, o Cristianismo precisam explicitar a forma própria de sua linguagem para não se tornarem incompatíveis ou irracionais.

O diálogo, no entanto, não é fácil e nem simples. Como a Teologia muitas vezes está apenas centrada nas questões diretamente relacionadas com a autoexplicação da fé (*intellectus fidei*), facilmente lhe passam despercebidas as perguntas levantadas pelas ciências naturais, deixando margem a duas atitudes fundamentais, ambas equivocadas: ignorar as pesquisas e os avanços das ciências em favor da preocupação teológica, ou abandonar as ciências a si mesmas, contribuindo para o ateísmo científico. Ao desprezar as ciências, de fato se favorece um paralelismo de vida entre os mundos. Quem estiver relacionado à ciência, abandona sua condição ao entrar no contexto religioso, no mundo da fé ou da Teologia. Essa atitude pode ser observada em muitas pessoas que, tendo uma formação científica, abandonam seus conhecimentos, quando se voltam para a ciência da fé. As questões ou os temas de sua origem não migram para seu novo mundo. A mesma pessoa que, durante a semana, é pesquisadora ou atuante, num ambiente científico, retira-se para o mundo religioso como um refúgio estranho onde as perguntas

existenciais se tornam as mais importantes. As múltiplas linguagens não se falam!

De outra parte, na medida em que as ciências não são levadas a sério, com a Teologia se ausentando, resta como única alternativa, para quem não tem uma compensação religiosa paralela, a renúncia ao sentido e a supressão do teologizável, na forma do agnosticismo ou do ateísmo. A onda recente de um ateísmo literário e científico militante, favorecido certamente por práticas de fé e Teologia impenetráveis às ciências e ao pensamento, mostra o quanto há de *ateologia* nessa atitude.

Uma terceira posição, no entanto, é possível. Como a Ciência da Fé nasceu da reflexão sobre as perguntas filosóficas, sua própria constituição interna também lhe exige uma disposição a pensar com as categorias das ciências positivas. Em outras palavras, a fé da pessoa envolvida com a ciência deve incluir essa mesma ciência, com sua racionalidade específica. Biograficamente não se pode deixar de mencionar aqui todo o esforço de Teilhard de Chardin; mas também seria uma injustiça excluir as buscas de Darwin, que, sendo formado na Teologia do seu tempo, sem exercê-la, se referia ao livro da natureza como um lugar de leitura do divino, e não via no resultado de suas pesquisas uma contradição com a fé. De modo semelhante, as poucas páginas de Einstein sobre ciência e religião são suficientes para reconhecer um certo espaço de diálogo, mais ainda quando se considera sua militância em favor da paz.

Nas últimas décadas, o diálogo entre Teologia e ciências naturais, além dos estudos de teólogos e teólogas individuais, também acontece de forma institucionalizada, como, por exemplo, no *The Center for Theology and the Natural Sciences* (CTNS) – do qual participa, entre outros, o Observatório do Vaticano – e que, além dos livros e da página na internet, publica a revista *Theology and Science*; e a *John Templeton Foundation*, financiadora de pesquisas e publicações envolvendo também questões de Teologia e Ciências. No Brasil, podem encontrar-se algumas traduções de William Stoeger (*As leis da natureza: conhecimento humano e ação divina*) e do CTNS (*Construindo pontes entre a ciência e a religião*, organizado por Ted Peters e Gaymond Bennett), além das iniciativas locais, como, por exemplo, *Teologia e ciência: diálogos acadêmicos em busca do saber* (A. M. L. Soares e J. D. Passos, org.). Em âmbito internacional, deve mencionar-se ainda a Universidade de Oxford, com seu programa

de publicações, e como obra geral *The Oxford Handbook of Religion and Science*.

No presente número da Revista, o tema do diálogo entre Teologia e Ciências está representado na forma de um diálogo entre Tomás de Aquino e Darwin, proposto por Dieter Hattrup. As principais questões entre evolução e fé são aí apresentadas de maneira didática e acessível. O mesmo tema volta na recensão de sua obra a respeito do acaso de Darwin (*Darwins Zufall oder wie Gott die Welt erschuf*).

Segue um estudo de Julio Bendinelli sobre a figura do Diácono permanente como servidor da palavra e mensageiro do Evangelho. Percorrendo os traços históricos e a reflexão sistemática, o autor demonstra que, ao contrário de uma opinião frequente, a função diaconal no Cristianismo não pode ser reduzida ao serviço da caridade, enquanto atendimento das pessoas necessitadas. Trata-se, também, e talvez prioritariamente, de uma verdadeira relação à proclamação da Palavra e ao serviço eucarístico, portanto litúrgico.

A renovação da catequese, na América Latina e no Brasil, a partir dos principais documentos e conferências, é tema estudado por Leomar Antônio Brustolin e Moema Muricy Rodrigues. O artigo mostra as tentativas e experiências que prometem novas formas de educação da fé, visando aproximá-la das condições atuais.

Reinholdo Aloysio Ullmann, professor de línguas clássicas e Filosofia Medieval, de maneira informal, reproduzindo sua exposição oral, disponibiliza alguns traços históricos do tema “Indivíduo”, na maneira como foi historicamente elaborado. Aparece associado à pessoa e à transcendência, passando pela mortalidade e vida pós-morte.

Partindo da Igreja como sacramento de reconciliação, Lucas Antonio Mazzochini e Geraldo Luiz Borges Hackmann mostram o significado eclesial desse sacramento como oportunidade de experiência da misericórdia divina. Para a vida atual, muitas vezes quebrada pelas fraquezas e pecados, a experiência do perdão se torna um princípio de renovação e paz.

Segue uma comunicação de L.A. de Boni sobre Frei Rovílio Costa, recentemente falecido. Antigo colaborador desta Revista e uma referência no cenário editorial e cultural do Rio Grande do Sul, presta-se, desta maneira, uma homenagem cordial a esse amigo de todas as horas.

Por último, duas recensões: a primeira, já mencionada, sobre Darwin, o acaso e a evolução, uma obra de D. Hattrup; a segunda,

apresentando a obra que leva a autoria de W. Kasper e D. Deckers, retratando a trajetória intelectual e biográfica do primeiro.

A todos os colaboradores, ao revisor e à secretaria da Faculdade, os agradecimentos da Revista.

Érico Hammes
Pelo conselho editorial